

As opiniões sobre o
artigo de opinião

Como é a avaliação desse gênero de texto?

Luiz Percival Leme Britto

■ Que é isso de avaliar textos?

Textos não são feitos para serem analisados, avaliados, corrigidos. Textos são feitos para serem lidos. Quem os escreve, escreve pensando em alguém, querendo lhe dizer alguma coisa. Certo? Certo e errado.

Certo porque é isso mesmo: a gente escreve para fazer valer uma ideia, contar uma história, sugerir um comportamento, registrar um fato... Aí está a razão, a finalidade do escrever. E faz isso sempre pensando em quem e como é o leitor, e daí escolhendo estilo e argumentos, pensando no ritmo adequado da leitura, no lugar onde o texto aparecerá.

Na vida prática, a gente não escreve pensando em um gabarito de correção e pontuação, na nota que o texto poderá alcançar, em quem será o examinador. Escreve é para si, para o outro que imagina leitor do seu texto, para o mundo e para a vida.

Luiz Percival Leme Britto é professor da Universidade Federal do Oeste do Pará. Docente de referência da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* no Pará.



Mas também é certo dizer que os textos que a gente escreve são sempre, de algum modo, analisados e avaliados. Se for um texto de circulação restrita e de cunho pessoal, a avaliação terá critérios subjetivos e relativos à relação entre autor e leitor; se for um texto de circulação ampla, será submetido a critérios de análise mais convencionados e mediados por instâncias de produção e publicação (editor e revisor são as figuras mais atuantes desse processo), podendo ser modificado ou, até, não publicado. E o próprio leitor – agora uma figura anônima – lança mão de critérios relativamente convencionais em seu julgamento.

Admitamos que se trate de um artigo de opinião escrito para aparecer em uma publicação de ampla circulação.

Logo de imediato vem a primeira indagação: o texto está redigido conforme as convenções do gênero e os padrões de escrita correntes? Cabem revisão, cortes, ajustes?

E outra pergunta surge de imediato: o texto tem tutano? Isto é: o tema é interessante, importante? A forma como o autor se aproxima do problema instiga? Gera polêmica? Produz convencimentos? Mostra personalidade?

Isso tudo não é fácil de avaliar nem tem um metro preciso, até porque quem avalia projeta seu modo de ser e de ver na avaliação. Mas é parte constitutiva da interlocução e do processo social de produção de valor e de verdade. E quem escreve sabe disso e cuida de escrever com base na ideia que tem de como editores e leitores vão reagir ao seu texto.

Vamos destrinchar mais um pouco esse novelo, indagando o que se espera, no âmbito da Olimpíada, de um artigo de opinião (observe-se que aqui se supõe uma expectativa genérica, algo que se imagina como a base comum do debate social e que de diferentes formas se oferece como quase-modelo aos autores e leitores em suas ações concretas de escrever e de ler).

Em primeiro lugar, o texto deve ser reconhecido como próprio do gênero e tratar do tema comumente estabelecido. Tem de ser um artigo de opinião e dissertar sobre um assunto relativo ao lugar onde vive o autor.

Mas isso é muito amplo! Que lugar é esse, exatamente? E que aspecto o autor deve enfatizar?

A resposta não é óbvia, pode ser muita coisa: o planeta, o mundo, o país, o Estado, a cidade, a localidade, a comunidade, a rua, o rio... Vivemos em todos estes lugares, participamos de diferentes formas de todos eles! Mas há referenciais importantes:

- 1 A ideia de pertencimento (eu pertenço a este lugar e ele me pertence) e de identidade (eu me identifico com os outros que, como eu, são deste lugar).
- 2 O fundamento do valor coletivo (o que escrevo é de interesse geral, importa aos outros, a sociedade, saber disso).
- 3 O princípio do inusitado (o que eu digo ainda não se disse do modo como eu digo).

No gabarito de correção, se indaga desde logo se “o texto se reporta de forma pertinente a alguma questão polêmica da realidade local?”.

Para além disso, escrever sobre “o lugar onde vivo” é focar, de forma particular, mas de interesse geral, um aspecto da vida desse lugar de um modo com que o autor está efetivamente comprometido. Pode ser algo bom ou ruim, denúncia ou anúncio, sugestão ou crítica. Importa que o texto promova reações verdadeiras e intensas no leitor, fazendo-o dizer coisas como *Que lindo!* ou *Não pode ser!* ou *De novo!* ou *Puxa, que bacana!* e diga isso porque foi tocado pelo texto e convencido pelo argumento e pelo estilo de que o que o escritor apresenta é valioso.

O sucesso dessa empreita se traduz na adequação ao gênero (do ponto de vista tanto da organização discursiva como da adequação linguística) e na manifestação da autoria.

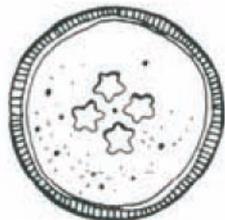
O bom texto terá clara identificação do tema e seleção e apresentação de argumentos variados e suficientes, encadeados conforme o gênero e a estratégia argumentativa; o estilo pode variar desde o mais convencional e contido até o mais arrojado, mas sempre nos limites que a convenção do gênero sugere; o bom autor não é um pirotécnico linguístico ou um mágico de Oz das palavras, mas aquele que se torna senhor do que escreve – das ideias e das palavras – e demonstra isso para o leitor. E, como isso é o mais significativo do processo, é evidente que, se se quantificar a avaliação, são estes os quesitos que devem ter maior peso.

Finalmente, está o uso mesmo da modalidade escrita, quando se considera essencialmente o ajustamento do texto aos padrões da escrita convencional. E, ainda que para muitas pessoas esse elemento seja o mais evidente e o que mais preocupa (a ponto de um equívoco ser muitas vezes objeto de discussões acaloradas em que se desconsidera a origem do texto, seu tema e sua finalidade), ele se justifica na justa medida em que a convenção contribui para a adequada circulação social de ideias e valores.

■ Um exemplo

Tudo isso está muito bem, mas seria melhor se a coisa ficasse mostrada no branco e preto e no colorido.

Vamos, então, como exercício de avaliação, tomar um artigo de opinião apresentado em Olimpíada anterior e fazer uma análise. Para preservar a identidade do autor, seu nome não se apresenta, assim como se excluem as referenciais que podem identificar o lugar de que fala.



Igualdade social

Aluna-autora: M. E. G.

Por quais razões a sociedade capitalista discrimina tanto nós trabalhadores rurais Sem-Terra? Com forte influência da mídia, passa-se uma visão para toda a população em que este povo são pessoas desordeiras, preguiçosas e que não respeitam os direitos alheios.

Segundo pesquisas recentes, talvez nem 1% de quase mil acampamentos no Brasil, apresentam problemas como esses de desordem e desrespeito com a propriedade alheia. Pois a única coisa por qual todos almejam é um lugar no campo onde possam, em tranquilidade morar, cultivar seus próprios alimentos e criar seus animais produtivos ou de estimação.

Desejam também ajudar na luta para que a sociedade e as autoridades reconheçam um dos primordiais direitos do ser humano, o direito a terra, que possam viver e trabalhar de maneira digna.

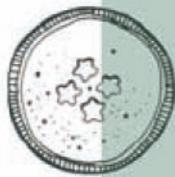
Outro fator muito importante do qual não se comenta, é da nossa luta, que passamos às vezes um, dois, três ou até mais anos à beira de uma rodovia, sofrendo privações, com as crianças e jovens sem estudar por não ter uma escola adequada e próxima aos acampamentos.

Também não se leva em consideração as humilhações constantes que sofremos, vivendo ao lado da incerteza e da desesperança; a espera de poder possuir uma legítima terra. Lutando para defender princípios em busca da igualdade e da mais completa justiça social.

Espera-se então que sejamos tratados com igualdade. Que o poder público nos veja sem discriminação, perceba a organização que temos e que pertencemos, e que o direito a terra seja por fim cumprido.

O tema destacado pelo autor é a forma como a sociedade vê os trabalhadores rurais sem-terra e se relaciona com eles. O lugar se manifesta quando o autor se apresenta como um trabalhador sem-terra e passa a falar do lugar em que está, das dificuldades e desafios que enfrenta, da vida que leva e do modo como a sociedade olha para ele(s).





Sem dúvida, é um bom tema. Tem a ver com o autor e é de grande interesse social. E o enfoque escolhido é bem apropriado: como eu, que estou do lado de cá, reajo à forma como o outro (identificado primeiro como a sociedade capitalista, mas depois como a mídia, a visão geral, o poder público) me percebe? Fechando mais a questão, o texto focaliza uma ideia central: a de que os trabalhadores sem-terra são vistos como “pessoas desordeiras, preguiçosas e que não respeitam os direitos alheios”, percepção produzida, segundo o autor, pela mídia.

De forma a derrubar essa visão preconceituosa, o autor destaca que apenas 1% dos sem-terra seriam de desordeiros e que a maioria defende o direito à terra e deseja viver e trabalhar dignamente; em seguida, sempre escrevendo na primeira pessoa do plural, chama a atenção para as condições de vida precárias e as humilhações que os sem-terra sofrem. Termina o argumento reivindicando do poder público um tratamento justo e a garantia do direito à terra.

Não há dúvida de que está adequado à proposta da Olimpíada, com tema e autoria bem identificados, coesão e progressão textual suficientes e uso adequado das convenções da escrita (aqui e aí se identificam pequenos conflitos).

Contudo, não é um texto forte, com capacidade de impactar e convencer o leitor. Falta-lhe o tutano de que se falou acima.

Sua principal fragilidade está na densidade argumentativa. O debate em torno do direito à terra precisa ser mais bem localizado e discutido com mais fundamentos, assim como seria importante que as condições de vida dos sem-terra e o tipo de humilhação que sofrem fossem esmiuçados, apresentados com concretude. A simples afirmação do direito à terra não é argumento suficiente para convencer, assim como dizer que a maioria dos sem-terra são ordeiros não é suficiente para desfazer a imagem criada pela mídia (além de concordar com a mídia na caracterização de desordem em certas ações típicas do movimento dos sem-terra, como a ocupação de terras ociosas, o fechamento de estradas e as manifestações em prédios públicos são erradas).

É exatamente essa carência que permite dizer que o texto, não obstante escrito em primeira pessoa e o autor se pôr como um sem-terra, tem pouca autoria e pouca adequação discursiva.

O que se recomendaria neste caso é que o professor, como leitor coautor do texto, instigasse o aluno a pesquisar mais sobre o tema, a buscar argumentos e informações mais sólidos, a adensar a descrição das condições de vida dos sem-terra, bem como detalhar as humilhações que sofrem. Assim, o texto sai da generalidade, ganhando personalidade e autoria. E, claro, força de convencimento.

E que fique o recado: só contribuiremos para a formação e o sucesso de nossos alunos se nos posicionarmos como leitores e parceiros deles.